

Para David

*E em memória da Anne mais simpática que já conheci,
Anne Fish, que queria saber sempre o que eu estava a ler
e me sugeriu sempre os melhores livros.*

PARTE 1

CAPÍTULO 1

Estou Farta

Li os teus e-mails — digo ao Stuart. Ele vira rapidamente a cabeça da revista *Maxim*. Tem os pés calçados com meias sobre a mesa de centro de vidro que está em frente ao sofá de pele que comprámos há seis meses. Uma pose inocente, embora seja culpado até à medula.

— Tu o quê?

— Ouviste bem.

As faces do seu rosto angular ficaram tensas.

— Nem te quero ouvir.

Sinto uma culpa momentânea. Depois lembro-me do que li.

— Eu li os teus e-mails. Todos. — Ele abre a boca para falar, mas eu interrompo-o. — Como é que fui capaz de violar a tua privacidade? Era isso que ias dizer? Não me fales de violações, Stuart. Nem te atrevas.

Ele fecha a boca tão rapidamente que os seus dentes estalam. As engrenagens da sua mente estão a rodar. Quase consigo ver o movimento por trás dos seus olhos, que podem ser tão calorosos, tão sensuais, tão tudo, mas neste momento estão frios, inflexíveis e tão azuis que até irritam.

— O que é que achas que leste, Anne? — acaba ele por dizer, com a voz extremamente controlada, sem qualquer emoção.

— Vais mesmo obrigar-me a dizê-lo em voz alta?

Ele continua em silêncio. A luz do candeeiro de leitura reflete-se no seu cabelo preto liso. Um relógio faz tique-taque sobre a cornija da lareira, descontando os segundos que me faltam aqui.

Respiro fundo.

— Eu sei que dormiste com a Christy. Eu sei que andas a dormir com ela há um tempo.

Pronto. Já disse. E mesmo tendo sabido, mesmo tendo lido, dizê-lo de facto torna tudo real de uma forma que não previra. É tudo muito mais monumental agora que enfrentámos a situação. Muito pior. Como se a Christy estivesse aqui connosco. Como se estivesse a repetir as palavras que lhe escreveu, na voz suave e sensual que ouvi uma vez no atendedor de chamadas. Palavras que não consigo apagar.

O relógio continua a fazer tique-taque. Sinto-me encurralada, à espera de que ele faça ou diga alguma coisa.

Diz qualquer coisa, porra. Diz qualquer coisa!

Ele levanta-se como se me tivesse ouvido. A revista estatela-se no chão de madeira polida.

— Bem, parabéns, Anne, apanhaste-me! O que é que vais fazer agora?

Meu Deus. Não seria fantástico se pudéssemos filmar as pessoas durante uma separação? Não seria fantástico se pudéssemos ter acesso a esse vídeo no *início* de uma relação? Olha como este gajo te vai tratar daqui a seis, oito, dez meses. Olha como ele tratou a rapariga com quem estive durante três anos! Foge, foge!

Prende-se-me a respiração na garganta, mas consigo falar.

— Vou-me embora.

— Vais-te embora — repete ele, talvez uma afirmação, talvez uma pergunta. Como algo em que não era bem capaz de acreditar.

— Estás mesmo à espera de que eu fique? Depois do que fizeste? É isso que queres, ao menos?

Ele desvia o olhar do meu, o primeiro sinal de fraqueza.

— Não sei.

— Oh, Stuart, por favor. Isto é exatamente o que tu queres. Apenas não queres ser o mau da fita. Por isso, certificaste-te de que serei eu a acabar tudo. E eu fui tão estúpida que só percebi isso agora.

— Pensas que és muito esperta, não é?

— Acabei de te dizer que fui estúpida. Mas, sim, hoje penso que estou a ser esperta.

— Bem, eu não vou sair do apartamento, se é isso que tu pensas que vai acontecer.

— Fogo, tu não me conheces mesmo, pois não? Ao fim deste tempo todo.

Ele responde com escárnio:

— Oh, eu conheço-te, Anne. Não te preocupes.

Observo-o: a sua beleza, a sua raiva, este homem com quem pensava que ia casar.

— Então, acho que acabou — digo, porque é o que as pessoas parecem sempre dizer neste tipo de situação. Pelo menos, é o que dizem nos filmes, e neste preciso momento a minha vida parece uma vida inventada.

Ele não me responde. Em vez disso, vê-me a caminhar até ao armário do *hall* e pegar no saco de viagem que guardei ali antes com tudo o que preciso para o futuro imediato.

Viro-me para olhar para ele. Olho-o nos olhos, à procura de algo, não sei o quê.

— Adeus, Stuart.

— Adeus, Anne.

Hesito, à espera de que ele diga algo mais, que me suplique para ficar, que me diga: «Eu amo-te, estamos a cometer um erro, sou um idiota chapado, não consigo viver sem ti, por favor, querida, por favor.» Mas ele não vai dizer isso. Não agora que estou finalmente a dar-lhe o que ele quer. Porque ele é um idiota chapado, e eu sou parva por querer alguma coisa dele, mesmo pequena.

Por isso, antes que ele me impeça ou pergunte porque ainda estou aqui, penduro o saco ao ombro e saio.

* * *

Na rua, entro no táxi que me espera e dou a direção para o meu novo apartamento.

Não reparo nos 20 minutos que demoro a viajar da minha vida anterior para a nova. As ruas da cidade são feixes de luz desfocados em contraste com o céu noturno escuro.

O taxista bate levemente no vidro engordurado entre nós para me chamar a atenção. Saio do táxi e levanto os olhos para fitar o meu novo prédio. Quatro andares, tijolo vermelho, tetos altos, chão de madeira, lojas nas proximidades. A listagem parecia boa demais para ser verdade

quando a vi ontem na Internet. A renda é demasiado alta para mim, mas precisava de um sítio novo para viver, imediatamente. E enquanto, no passado, podia ter ficado em casa de uma amiga, ou, Deus me livre, na dos meus pais, os meus 33 anos dizem-me que é tarde demais para isso. Tarde demais para muitas coisas.

Subo as escadas largas de cimento até à porta de entrada. A etiqueta ao lado da minha campainha está em branco, à espera de que eu a preencha. O meu apartamento também está vazio. Não há nada nas paredes creme-claras, apenas o contorno empoeirado dos pósteres que costumavam estar pendurados. O ar tem um cheiro diferente, estranho. Olho para o recanto por baixo da janela de sacada curvada. É o lugar perfeito para a escrivanhinha que deixei no outro lado da cidade. Tenho aquela sensação de comichão que é habitual quando preciso de escrever. Só não sei se consigo escrever sobre o dia de hoje. Ainda não, pelo menos.

Através das paredes (no andar de cima? De baixo? Ainda não compreendi os sons daqui), oiço uma mulher a chamar o marido para jantar com uma voz carinhosa, e o mundo desaba por baixo de mim. Num instante, fico de joelhos, com o choro abafado na garganta.

Oh, meu Deus, como é que isto me foi acontecer? Como é que demorei tanto tempo a perceber quem ele é? Como é que me fui pôr, a mim e ao meu coração, nas mãos de um homem que me trairia? Outra vez?

Ao meu lado, o telemóvel toca. Ao olhar para o ecrã, vejo que é o Stuart. Vem tarde demais. Não há nada que possa dizer que irá apagar o que eu li, o que ele fez.

Atiro com o telemóvel com toda a força possível. Bate na ombreira da porta, um som estrondoso neste lugar vazio e silencioso. Salta uma lasca de tinta da madeira e o telemóvel para de tocar. Abraço os joelhos ao peito e fito o aparelho silenciado.

O tempo passa. Finalmente, começo a respirar. Começo a sentir o chão de madeira dura.

O meu telemóvel toca outra vez. A força da minha raiva não foi suficiente para o silenciar permanentemente. Desta vez, quem me liga é uma boia salva-vidas. A minha melhor amiga, Sarah.

— Olá, sou eu — diz ela, preocupada, apreensiva. — Ainda estamos combinadas para o tal copo?

A minha voz é mais forte do que pensava que estaria.

— Claro que sim. Demoro 10 minutos.

Lavo a cara e tiro uma gabardina leve da mala. O meu novo bairro espera-me lá fora. Os prédios de tijolo terminam onde os passeios começam — sem separações — e as únicas árvores que existem estão nos pequenos parques que marcam os quarteirões. As folhas em transformação dançam ao sabor da brisa outonal. O ar está carregado com fumo de escape dos carros e a mistura de cheiros que os restaurantes emanam. As ruas estão vivas e claustrofóbicas ao mesmo tempo.

Gostava do silêncio do meu antigo bairro, onde o barulho da cidade era apenas um sussurro ao fundo. Mas gosto da energia que estou a receber do barulho que agora me rodeia, das pessoas e da sensação de que algo pode acontecer a qualquer momento.

A um quarteirão do bar, algo no chão chama-me à atenção. É o meu nome? Debruço-me para o apanhar, e é com certeza um cartão de visita que diz:



Ver o meu nome no cartão causa-me um calafrio. Sem pensar muito nisso, coloco-o no bolso da frente das calças de ganga e continuo o meu caminho.

Entro no bar e sondo a sala escura à procura da Sarah. O White Lion é mais ou menos moderno, com bancos de pele vermelha enfiados por baixo de uma velha bancada de mogno. Luzinhas brancas emolduram a parede de espelhos por trás. Ouve-se uma música da Taylor Swift que se sobrepõe ao murmúrio da multidão de terça-feira à noite.

A Sarah está sentada numa das cabines estofadas escuras, a teclar furiosamente no *BlackBerry*. Traz vestido um fato azul-escuro de escritório e tem o cabelo loiro e encaracolado apanhado na nuca. A sua pele branca parece quase translúcida sob a iluminação ténue.

Ela sorri-me quando me sento à sua frente. Tem dentes pequenos e uniformes.

— Então?

— Feito — digo, acenando para a empregada de mesa.

— Graças a Deus.

— Odeia-lo assim tanto?

— Odeio mesmo.

Peço um gin tónico.

— E qual é a razão pela qual nunca disseste nada?

Os seus olhos azulões transbordam de incredulidade.

— Estás a falar do quê? Primeiro que tudo, eu disse. E segundo, achei que era melhor ficar quieta e certificar-me de que estavas bem, em vez de termos uma grande discussão e nunca mais te ver.

A Sarah é advogada e está sempre a fazer listas. É assim que ela é: organizada. Sempre foi assim desde que a conheço, ou seja, desde o infantário.

— Obrigada.

— Na boa. Quem me dera não te ter arrastado para aquela festa.

Eu conheci o Stuart numa festa há três anos. Estava quase a fazer 30 anos e ainda a recuperar de ter levado com os pés da minha cara-metade da altura, o John. A Sarah convenceu-me de que seria bom «voltar ao jogo». Eu não tinha tanta certeza, mas a Sarah não aceita um não como resposta.

Avistei o Stuart pouco tempo depois de chegarmos. Cabelo preto liso, olhos azul-claros, mais de 1,80 m, magro — era exatamente o tipo de homem por quem sempre me apaixono, desde a primeira paixoneta que tive por um rapaz. Estava rodeado de raparigas, que competiam pela sua atenção. Mas as raparigas não me assustaram. Eu estava habituada às raparigas. Tinha de estar, se a minha fraqueza são homens muito bonitos.

Eu estava a arranjar uma maneira de ele reparar em mim quando a Sarah interveio ao entornar acidentalmente vinho tinto na minha camisola branca. Aproveitei o momento e reagi exageradamente, num dramático espalhafato. Teve o efeito desejado, uma vez que todas as pessoas, incluindo o Stuart, olharam para nós. Estabeleci contacto visual com ele, olhei-o nos olhos por um instante e desviei o olhar.

Quando eu e a Sarah regressámos depois de me limpar na casa de banho, descobrimos um espaço livre no sofá. Posicionei-me de modo a

não conseguir olhar na direção do Stuart. No entanto, dava para sentir que ele estava a observar-me.

Mais tarde, quando os rapazes se reuniram para fazer *shots* triplos de *Jack Daniel's*, vi uma oportunidade para me infiltrar no grupo. Alguns protestaram a dizer que eu não tinha arcaboço para aguentar. Apanhei o meu cabelo ruivo comprido num rabo de cavalo e disse-lhes que sabia cuidar de mim, que servissem e pronto. Batemos com os copos uns nos outros e abrimos as goelas. Apenas alguns conseguiram engolir num só trago, mas eu virei o copo com um floreado e pousei-o com força no tabuleiro que o Stuart segurava. Olhei para ele, corada, ao ver o seu olhar interessado.

— O que é que te convenceu a saíres de casa finalmente? — pergunta a Sarah.

— Já alguma vez reparaste que todas as histórias que começam com «Eu li os e-mails dele» nunca acabam com «Estava completamente enganada: ele não andava a trair-me»?

Ela franze o narizinho.

— Então ele andava mesmo a trair-te?

— Claro que andava. Tal como me disseste.

— Sim, bem. Não tive prazer nenhum em dizer-to. — Ela dedilha a lima que está na borda do seu copo.

— Eu sei, Sarah.

— Ainda bem. Tenho de admitir que estás a aceitar isto demasiado bem.

Óbvio, ela não me viu a chorar desalmadamente no chão.

— Estou a conseguir convencer-te também?

— Quase.

— É espantoso o que a raiva excessiva te dá força para fazer.

Ela sorri.

— Se alguém descobrisse uma maneira de engarrafar «mulher enganada», faria uma fortuna.

— O que eu realmente preciso é de um produto que cure um coração despedaçado.

— Acho que se chama álcool.

Tento sorrir, mas só consigo chorar. Lágrimas salgadas e silenciosas. A Sarah pousa a mão sobre a minha.

— Há de passar, Anne. Com o tempo.

— Eu sei. Passa sempre. — Limpo as lágrimas com as costas da mão e obrigo-me a sorrir. — Chega. Devíamos estar a celebrar a minha nova vida.

Ergo o copo. A Sarah bate com o dela no meu.

— À nova vida da Anne Blythe!

— A propósito. Olha o que encontrei na rua. — Tiro o cartão do bolso e entrego-lho.

— Porque é que pegaste nisto?

— Porque tem o meu nome, acho eu. O que será que fazem?

— «Relacionamentos Arranjados», e os símbolos para masculino e feminino... Deve ser uma espécie de serviço de encontros.

— Bem visto. Talvez, se ficar muito desesperada, lhes ligue e descubra. A Sarah cora.

— Não tens de ficar desesperada para usar um serviço de encontros.

— Tu já... usaste?

— Não, mas pensei nisso antes de conhecer o Mike. — A Sarah sorri da maneira com que sempre sorri quando fala dele. Ele é um corretor da bolsa que trabalha no edifício dela. Conheceram-se há seis meses num cocktail. Até agora, ele tem refutado a minha teoria de que os homens que ainda são solteiros aos 35 anos são-no por algum motivo.

Quanto a mim: recém-solteira aos 33? Tenho todo o tipo de teorias.

— Tens sorte em tê-lo — digo-lhe.

— Pois tenho. E tu também terás sorte, Anne.

— Pois, talvez. Mas por agora acho que vou ficar sozinha durante algum tempo e ver como corre.

Tento soar determinada, embora estar sozinha nunca tenha sido o meu forte. Pelo menos, não da antiga Anne. Mas a Anne que era suficientemente forte para se despedir do Stuart hoje vai ficar sozinha durante algum tempo. Pelo menos, vai tentar ficar.

Terminamos as bebidas, pagamos e saímos para a noite. O outono começa a instalar-se e está mais frio do que há umas horas. Enfio as mãos repentinamente frias nos bolsos, abraçando o casaco à minha volta. A Sarah chama um táxi e entra.

Abre a janela.

— Vais ficar bem, Anne. Basta acreditares e vais ver que acontece.

Enquanto o táxi se mistura no trânsito, pergunto-me se ela tem razão. Consigo mesmo ficar melhor se o desejar com força suficiente?

Fecho os olhos e bato os saltos altos um no outro três vezes. Vou ficar bem. Vou ficar bem. Abro os olhos e olho para cima, na direção da Estrela do Norte que brilha reluzente sobre mim, a única estrela visível no céu desta cidade. A sentir-me parva, tranco o meu desejo nela e vou para casa.

De regresso ao novo apartamento, passeio pelas divisões vazias e ecoantes, a tentar decidir onde vou dormir. O tipo cujo contrato de arrendamento passou para mim deixou o sofá e a cama. Não sei onde seria mais arrepiante dormir. Escolho o sofá e vou à casa de banho lavar os dentes. Tiro os trocos dos bolsos, bem como o cartão da Blythe & Company. Passo os dedos sobre a inscrição com relevo e sinto uma pontinha de curiosidade. «Relacionamentos Arranjados». Parece tão formal, tão antiquado.

Deveria ligar e descobrir o que fazem? Se é um serviço de encontros, deveria usá-lo? Não, que parvoíce. Não decidi ainda agora que precisava de ficar sozinha? É verdade, pois foi. Então ficarei sozinha. E depois arranjarei um homem novo, o homem certo, sem ajuda de ninguém.

Atiro o cartão para o caixote do lixo na casa de banho antiga. Bate no azulejo com um clique agudo. Pego nele outra vez e leio-o de novo. Sinto a mesma excitação que senti antes. Algo acerca do cartão parece golpe de sorte, tal como o bolinho da sorte que uma vez me calhou e dizia «Nasceste para escrever», e que agora está pendurado, emoldurado, no meu cubículo na revista *Twist*.

Agora, preciso de alguma sorte.

Prendo o cartão na borda preta do espelho por cima do lavatório de pé branco.

Não faz mal guardá-lo por uns tempos.

CAPÍTULO 2

Apenas Um Pedacinho de História a Repetir-se

Ligo para a Blythe & Company dois meses e 17 dias após ter encontrado o cartão deles na rua.

Porquê, oh, porque é que eu faço isto?

Bem... lembram-se daquela história do desejo que pedi à Estrela do Norte? Afinal de contas, mudou mesmo a minha sorte. Para pior.

Tudo começou quando dei de caras com o meu ex-namorado Tadd.

Foi cerca de seis meses após a separação. Através de um ato supremo de determinação, não falara com o Stuart desde que saíra de casa. Em vez disso, passara pelos três primeiros estágios de mágoa da separação — Já Vai Tarde; Fiz a Coisa Certa, Não Fiz?; e Talvez Devesse Ligar-lhe Para Saber Se Está Bem? — e fiquei-me pelo Devo e Vou Ficar Sozinha Para Sempre.

Passei o fim de semana a rever o livro que estou a escrever, após receber uma carrada de comentários da minha agente. Estava a ter dificuldade em fazer as emendas que ela queria, e no domingo já me sentia desiludida comigo mesma e incoerente. A chuva constante e fria, e o facto de que passara o fim de semana inteiro de pijama, não ajudava. Quando o senhor da meteorologia disse que podia nevar, decidi ir comprar outro casaco de inverno. O meu antigo parecia ter desaparecido durante as mudanças. Se tudo corresse bem, esta seria a última vez que teria de mandar dois homenzarrões empacotar as minhas coisas na minha ausência.

Risca isso. Eu *nunca* terei de fazer isso outra vez. Percebeste, Anne? Boa. Continua.

Enfim, estava eu a passar pela Banana Republic quando fui de encontro ao Tadd. Ofegante, ergui o olhar e vi os seus olhos bem azuis. Absorvi-lhe as feições, o modo como a camisola cinzenta que tinha vestida se colava aos ombros retos, e senti borboletas na barriga. Depois apercebi-me de quem era. Ou, para dizer a verdade, apercebi-me de quem era quando o Tadd disse:

— Anne, olá!

Como é que este belo homem sabe o meu nome? Olhei com mais atenção.

— Ah. Olá, Tadd.

— Há quanto tempo.

Havia muito tempo. Conhecêramo-nos quando eu tinha 24 anos. Estava a trabalhar num pequeno jornal semanal. O dono contratou o Tadd como seu advogado quando uma grande empresa se ofereceu para comprar o jornal. O Tadd passou uns dias no jornal para conhecer o negócio, e eu fui destacada para lhe mostrar o sítio. Ele era a coisa mais bonita que eu já vira desde que acabara a faculdade, e certifiquei-me de que ele sabia que eu estava interessada e disponível. Namorámos durante mais de um ano, e acabei com ele, embora o verdadeiro motivo por que o fiz fosse confuso para mim na altura.

— Pois é.

— Pois.

— Então — disse após uma breve pausa —, o que é que tens feito?

— Vida... trabalho... treino...

À medida que o Tadd tagarelava, lembrei-me porque é que acabara com ele. É o homem mais aborrecido no mundo. De facto, para ser totalmente franca, a única coisa interessante no Tadd é ser tão bonito.

Ó meu Deus, como é que andei com ele durante mais de um ano? Não havia mesmo nada que nos ligasse um ao outro a não ser a sua beleza? O que é que eu tinha na cabeça?

Através da névoa da sua insipidez, ouvi-o dizer:

— E casei-me no ano passado.

— Que é que disseste?!

— Disse que me casei no ano passado. A minha mulher está ali a experimentar roupas. — Fez um gesto na direcção dos provadores.

— Tu és casado? — Senti-me esquisita, como se estivesse sem fôlego outra vez.

— Estás bem?

Tentei parecer calma.

— Estou ótima.

— Estás pálida.

Pelos vistos não consegui.

— Apenas enjoio de lojas, acho eu. Odeio centros comerciais.

— Odeias?

Caraças. O Tadd adora fazer compras, e na primeira onda de paixão passámos muitos fins de semana juntos em lojas como esta, a experimentar roupa e a sorrir quando as meninas da loja diziam que ficávamos bem juntos. O Tadd fica muito melhor num espelho de loja do que na vida real, e eu adorava olhar para ele naquela forma ligeiramente distorcida. Mas não valia a pena explicar-lhe isto. Não consigo nem explicar a mim própria.

— Odeio quando estou cansada. Tenho tido uma semana complicada.

— Oh, claro.

— Então, como é que conheceste a tua mulher?

Ele ficou animado.

— Ela é advogada no escritório onde trabalho...

Tentei parecer interessada, mas só conseguia pensar que o Rei do Tédio era casado, e eu ainda estava solteira. Bem, talvez ela só quisesse o dinheiro dele. Espera, ela também era advogada, tinha imenso dinheiro só dela. Bem, talvez fosse igualmente entediante e não conhecesse melhor. Sim, só podia ser isso!

Sem querer descobrir, disse adeus ao Tadd e saí da loja numa correria, esquecendo completamente o meu casaco de inverno.

Ainda me sentia desconcertada nessa noite quando me encontrei com o meu amigo e editor William para um copo num bar suspeito na Baixa. Ele vive a poucos quarteirões do bar, num apartamento ultramoderno numa antiga fábrica de embalamento de carnes. Continua a insistir que o bairro está prestes a mudar para melhor. Como tal ainda não aconteceu, certifiquei-me de que o táxi me deixava na porta da frente do bar. Tentei ignorar os adolescentes maltrapilhos com suéteres grandalhonas e calças descaídas que examinavam a rua à procura da bófia.

No interior, o bar estava escuro e tocava música ligeiramente *country*. Uma canção de Steve Earle ouvia-se na *jukebox* ao estilo dos anos 50, e as mesas eram feitas de peças de madeira tosca. Um homem musculado com 50 e tal anos e um braço coberto de tatuagens pouco nítidas estava a servir ao bar. Havia algumas garrafas meio vazias de álcool forte nas prateleiras atrás dele. O ar cheirava a amendoins e cerveja morta.

Na próxima vez encontrar-me-ia com o William no meu bairro.

Pedi uma caneca de *Harp* e levei-a para a mesa do William junto à *jukebox*. Ele trazia vestida uma suéter azul-escura com letras brancas à frente. Como habitual, o cabelo loiro garrido estava espetado para cima.

— Yo, AB, tudo em cima?

— Ainda podes falar assim com a tua idade?

Ele revirou os olhos verde-alface.

— Fogo, obrigada por me fazeres sentir bem por ter feito 36 anos.

— Porra, fizeste anos?

— Tenho a certeza absoluta de que te vi a comer duas fatias de bolo na minha festa no escritório há dois dias.

Sorri.

— Na verdade, foram três fatias.

— As mulheres devem odiar-te.

— Às vezes. — Bebi um longo trago e limpei a espuma do lábio superior. Fitei o líquido âmbar, observando as luzes do teto refletidas a flutuar gentilmente na superfície.

— O que é que se passa, Anne? Pareces... abatida.

— Acho que ando a sentir-me como a minha própria idade ultimamente.

— Por causa do Traidor?

É esse o nome do Stuart desde a separação.

— Isso e... não sei... Costumas sentir-te como se fosses ficar solteiro para sempre?

O William suspirou.

— Eu sei que me vou arrepender, mas... o que é que se passa de verdade?

Pensei na sensação desorientada e ofegante que tive quando o Tadd me disse que era casado. Que já tivera essa sensação antes. Que talvez fosse a razão por que ficara com o Stuart mais tempo do que devia.

— Acho que me sinto como se nunca fosse conhecer a pessoa com quem devo ficar. Penso sempre que o conheci, mas nunca parece resultar.

— Quantas vezes já pensaste isso?

— Quatro.

— São muitas.

— Eu sei.

O William tirou uma mão-cheia de amendoins da tigela à sua frente.

— Podes explicar-me uma coisa? Porque é que as mulheres pensam sempre que existe uma pessoa especial com quem devem ficar?

— Os homens não pensam assim?

— Hum, não.

— Ah.

— Então — perguntou ele novamente —, vais esclarecer-me?

Encolhi os ombros.

— Não sei qual é a desculpa das outras pessoas, mas eu culpo a minha mãe.

Ele riu-se.

— Claro que sim.

— Foi ela quem me deu o nome da personagem principal de *Anne dos Cabelos Ruivos*.

— E?

— E... receber o nome de uma personagem de uma história de amor é meio caminho andado para pensar que a vida deve imitar a arte, em particular quando te pareces mesmo com ela.

Disse isto num tom trocista, mas infelizmente é a mais pura verdade. Eu pareço-me mesmo com a Anne (cabelo ruivo, olhos verdes, pele branca, sardas no nariz), e cresci a pensar que o homem perfeito para mim anda por aí, que é apenas uma questão de tempo até conhecê-lo.

— É apenas um livro, Anne — disse o William, prático.

— Eu sei, mas... não achas que esse tipo de coisas acontece na vida real às vezes?

— Não tens emenda, sabias?

— Não me lembres isso.

* * *

Apesar das minhas melhores intenções, nunca consegui bem livrar-me da sensação de que a minha vida não é o que devia ser. E as coisas só pioraram quando dei de caras com o John, o tipo que andara a tentar esquecer quando conheci o Stuart.

Eu e o John conhecemo-nos quando eu comecei a trabalhar na revista *Twist*, há seis anos. A *Twist* é uma revista mensal e cidadina. O John era o escritor dos artigos principais. Eu estava feliz por ter a minha própria secretária. Reparei nele no meu segundo dia quando nos cruzámos na sala de fotocópias. Ele era tão parecido com o potencial ator do James Bond que estava na capa daquele mês que o meu coração ficou acelerado. Poucas semanas depois, fiz-lhe alguma pesquisa para um artigo acerca dos candidatos à presidência da câmara municipal. Demo-nos bem, caindo numa conversa fácil de namorico, e começámos a namorar pouco tempo depois.

Ele acabou tudo dois anos mais tarde. No meu aniversário. Aparentemente, o compromisso não era a cena dele. De facto, ele nunca namorou com ninguém durante mais de dois anos, o seu «prazo de validade», como ele tão encantadoramente lhe chamou.

Foi uma separação complicada, um daqueles momentos palpitantes do género «Mas porquêêê?? Não compreeendo!!!». A única resposta que ele me deu foi: «Eu disse-te que não estava numa de relações a longo prazo.» «Mas tuuu disseeste que me amaaaavas!!!!», etc., etc., até ele me convencer de que não ia mudar de ideias, e eu saí de casa e fui viver para o sofá da Sarah. Pouco tempo depois, propuseram-lhe uma coluna no *Daily Chronicle*. Não o via desde então.

Foi algumas semanas após o encontro com o Tadd, e eu estava atrasada com uma entrega. Recebi a minha coluna há um ano, que cobre produtos de consumo. O artigo era sobre as novidades mais recentes sobre leitores de e-books. Estava com dificuldade em encontrar um ponto de vista. Verdade seja dita, eu ainda estou à espera de que a vida seja como era nos *Jetsons*.

Dei de caras com o John à saída do café que há na esquina do meu prédio. Eu estava a usar calças de ganga desgastadas, uma camisola de lã grandalhona (uma antiga do Tadd, acho eu) e um boné de beisebol. Desta feita, fui eu quem o reconheceu.

— John! Olá!

Ele demorou a fazer a ligação.

— Anne... quase não te reconheci.

Porquê, oh, porque é que eu tinha de dar de caras com ele vestida assim? E, é claro, ele estava perfeito com o seu casaco de caçador cor de mel.

Ajustei o boné nervosamente.

— Ah, só vim à rua beber um café. Estou a escrever um artigo. Mas como é que tu estás?

— Estou bem... — Ergueu a mão esquerda e passou-a pelo cabelo. Ele tem um cabelo bonito, é claro, preto e grosso. Segui o movimento da mão. Foi então que reparei numa cintilação de platina.

— Casaste?

— Claro. Tu não?

— Não, eu não me casei.

— Ah, desculpa. Pensei ter ouvido que tinhas casado.

Ele ouviu dizer que eu tinha casado! Se calhar ouviu e ficou de coração partido, e casou com a primeira rapariga que lhe apareceu à frente por pura infelicidade e despeito, e...

— Terra chama Anne. — Ele acenou a mão decorada com aliança à frente dos meus olhos.

— Desculpa, fiquei parva por um momento. Há quanto tempo estás casado?

— Há três anos.

— Três anos?!

Várias pessoas na rua viraram-se com o tom agudo da minha voz.

— Anne, acalma-te.

— Estás a gozar comigo, certo? — disse eu, tão alto como antes.

O seu olhar azul ficou turvo de irritação.

— Qual é o teu problema?

— *Qual é o meu problema?* O Senhor Acabo-com-Pessoas-nos-Aniversários-Delas está a perguntar-me qual é o meu problema?

— A minha voz elevou-se com cada batida do meu coração.

— Podes falar mais baixo?

— Por amor de Deus.

Ele parecia envergonhado.

— Olha, Anne, desculpa se te magoei, e arrependo-me da cena do dia de aniversário, mas entre nós não havia nada de bom. Não como há com a Sasha. Desculpa ser tão bruto, mas é verdade.

Eu percebi imediatamente o que ele quis dizer. Não conhecia a Sasha nem nada acerca da relação deles, mas nós não estávamos bem juntos. Apenas à superfície. É esse o meu problema, claro. Aquelas malditas superfícies bonitas que me aceleram o coração e desligam o cérebro.

— Então conheceste a mulher certa e de repente estavas pronto para assentar?

— Sim.

— Foi assim tão simples?

— O amor não tem de ser complicado, Anne — disse ele, a tentar parecer mundano e sábio.

Que se lixe, se calhar ele era mundano e sábio. Ou se calhar era um aldrabão. Mas a aliança era verdadeira. Estava mesmo casado.

— Existe uma pessoa para ti, Anne.

— Claro. Pois.

O telemóvel dele tocou. Ele tirou-o do bolso e olhou para o número. E depois fez um sorriso feliz e devastador. Eu cheguei a sentir borboletas na barriga, embora claramente o sorriso não fosse para mim.

Fez-me sinal para esperar um minuto.

— Olá, fofinha.

O meu coração gelou. Ele costumava chamar-me «fofinha» com aquela mesma voz.

— Sim, daqui a uns minutos estou aí. Encontrei a Anne, e estamos a pôr a conversa em dia.

Encontrei a Anne? Não explicou quem eu era nem o escondeu. Que coisa mais irritante. Não podia eu ser ao menos um segredo que ele tinha de guardar?

O John fechou o telemóvel.

— Tenho de ir, mas foi ótimo ver-te outra vez.

— A sério?

— Claro. Perguntei-me muitas vezes o que seria feito de ti.

— Isso parece tão formal.

— Desculpa. Tu sabes o que quero dizer.

Na verdade não, mas deixei passar.

— Bem, agora estou a fazer a coluna dos produtos de consumo, e tenho um agente literário para o meu livro. Sabes, aquele que comecei a escrever quando...

Fogo, parecia uma totó!

— Isso é ótimo, Anne.

— E tive namorados depois de tu...

Emenda. Eu parecia uma idiota desesperada e patética.

— Claro que tiveste.

— O que eu quero dizer é que não tenho andado por aí a chorar por ti.

— Ainda bem. Eu fui um parvalhão.

— Pois foste.

Ele sorriu.

— Vês, conseguimos concordar nalgumas coisas.

— Parece que sim.

— Então estamos bem? — Ele moveu os pés de um lado para o outro, ansioso para se ir embora.

Olhei nos seus olhos tão azuis e senti a minha raiva a desvanecer-se. Talvez fosse uma desculpa, mas porque não haveria de perdoá-lo? O facto de não termos dado certo não foi mesmo culpa dele. Ele avisara-me no início da relação acerca do seu «prazo de validade». Eu é que fui estúpida ao ponto de pensar que não se aplicaria a mim.

— Claro que estamos bem.

Ele pareceu aliviado.

— Ainda bem. Cuida-te.

Ele deu-me um abraço rápido, e eu observei-o a descer a rua até desaparecer no meio da multidão. Depois fui direitinha ao escritório da Sarah. Consegui segurar as lágrimas até ela fechar a porta.

— Ele nããã quis casar comiiiigo — choraminguei baixinho.
— O que é que há de errado comiiiigo?

— Não há nada de errado contigo, Anne.

Assoei-me.

— Então porque é que acabo sempre sozinha?

— Se calhar devias antes perguntar-te porque é que escolhes sempre o homem errado?

— Está bem, terapeuta, porque é que escolho sempre o homem errado?

Ela fez uma careta.

— Não sei porquê, mas percebes que é isso que fazes, certo?

— Bem, é difícil não o fazer, uma vez que pareço estar encurralada numa espécie de ciclo vicioso de *Do Céu Caiu Uma Estrela*.

- Nunca percebi o encanto desse filme.
— Podes crer.
— Então o que é que vais fazer? — perguntou a Sarah, sempre prática.
— Tentar não me atirar de cabeça na próxima vez que um homem de cabelo preto e olhos azuis sorrir para mim?
Ela riu-se.
— É um bom começo.

* * *

Umás semanas mais tarde, estou no trabalho a escrever um artigo que compara uma nova fornada de telemóveis que vão, pelo vistos, revolucionar as comunicações. O meu cubículo revestido a bege está a abarrotar de notas e rascunhos descartados. Já bebi três cafés extremamente fortes, e a minha perna esquerda não para de abanar para cima e para baixo. O ar está a transbordar dos habituais sons de escritório de telefones a tocar, teclados a bater e o burburinho das vozes dos meus colegas, um ruído branco que costumo conseguir ignorar.

- O meu telefone toca alto, elevando os nervos que sinto ao máximo.
— Olarecas.
Só oiço linguagem sem nexo.
— Sarah, és tu?
Mais linguagem sem nexo.
— Sarah, estás bem? Não entendo nada do que estás a dizer.
— Eu disse que eu e o Mike estamos noivos. Eu e o Mike estamos noivos!

Eu nunca ouvi a Sarah tão frenética sem a influência de muito álcool. Muito mesmo.

- Uau! — digo, soando entusiasmada, mas com aquela mesma velha sensação de enjoo.
— Pois é! Não é superfantástico?
— É *muito* fantástico. Conta-me. Quero saber os pormenores todos.
— Bem...

Tento concentrar-me, mas à medida que ela me conta o momento mais romântico da sua vida a minha náusea aumenta. E não consigo evitar pensar se alguma vez ligarei à Sarah para lhe contar incompreensivelmente o momento mais romântico da minha vida.

Meu Deus, porque é que dou tanta importância? Porque é que preciso de estar com alguém, de estar casada? Tenho uma carreira e ótimos amigos. Porque é que isso não é suficiente? Mas é tão irrazoável querer mais do que isto na vida? Querer o que tantas outras pessoas têm? Quero uma ligação permanente com alguém que me ame. Quero ter filhos. E não sozinha como uma supermãe do banco de esperma. Quero subprodutos de mim e de quem amo. Para ver o seu cotovelo ou a cova do seu ombro em miniatura, quem quer que ele seja. Se é que ele existe.

Quando eu e a Sarah desligamos o telefone, vou até à sala do pessoal numa correria, à procura de uma dose forte de algo. Com uma caneca fumegante na mão, encosto-me à parede de vidro fria e fito os arranha-céus que me rodeiam. O sol fraco de novembro reflete-se no metal e no vidro. Algumas folhas mortas passam a rodopiar pela janela.

A minha melhor amiga vai-se casar! Devia estar feliz, a sorrir e a planear uma grande celebração para ela, mas em vez disso, *em vez disso*, regresso à minha secretária e digito o número que memorizei, de olhar para ele todas as noites, quando lavo o rosto.

Uma mulher com um sotaque nítido do meio da costa atlântica atende o telefone.

— Blythe & Company.

Baixo a voz para que a intrometida colunista de moda (que mereceu a alcunha de Nazi da Moda por causa dos seus modos arrogante e estiloso) não me oiça.

— Ah, sim, pois, estou a ligar para marcar uma consulta.

— Está interessada num arranjo?

— Sim, acho que sim.

A letra de uma canção antiga começa a passar-me pelo pensamento. *I wanna man, I wanna man, I wanna mansion in the sky.*

— Bem, temos uma vaga amanhã à tarde às duas horas. Dá-lhe jeito?

— Demora muito?

— A primeira consulta demora cerca de uma hora.

Verifico a minha agenda.

— Serve.

— Fica então marcada a sua consulta.

— Ótimo, obrigada. — Vou para desligar o telefone, mas oiço-a a falar comigo através do auscultador. — Desculpe, não percebi.

— Perguntei-lhe o nome.

— Claro, desculpe. O meu nome é Anne Blythe.

Houve uma ligeira pausa.

— Blythe?

As pessoas dão nomes falsos para serviços de encontros? E se eu desse um nome falso, seria estúpida ao ponto de usar o mesmo nome da empresa para que estava a ligar?

— Sim, correto.

— Muito bem, menina Blythe, está marcada para amanhã às duas horas.

Adiciono o compromisso na minha agenda e desligo o telefone, sentindo-me nervosa mas excitada. Giro a cadeira até ficar tonta, como costumava fazer quando era pequena.

I wanna man, I wanna man, I wanna mansion in the sky.

CAPÍTULO 3

Do Outro Lado do Espelho

No dia seguinte, às duas, subo no lustroso elevador de vidro da Telephone Tower até ao vigésimo andar. As portas abrem-se, e eu sigo os sinais para a Blythe & Company por um corredor espessamente alcatifado. Paro nas portas de vidro da entrada e olho para dentro. A sala de espera está vazia salvo a rececionista que está a trabalhar num grande computador prateado. Ela tem cabelo castanho-escuro e está a usar um fato azul-escuro feito à medida. Encaixa-se bem no ambiente luxuoso. Ainda bem que me dei ao trabalho de usar a minha melhor saia preta e uma camisa verde que combina com os meus olhos.

Respiro fundo e passo pelas portas.

— Olá, chamo-me Anne Blythe. Tenho uma consulta.

Ela olha para mim com olhos monótonos de despreocupação.

— É claro, menina Blythe. A consulta é com a menina Cooper. Ela já vem ter consigo. Por favor, sente-se ali. — Ela faz um gesto para as cadeiras.

Sento-me numa cadeira de pele cinzenta. A mesa de centro de teca tem uma pilha de revistas lustrosas. Pego numa *Atlantic Monthly* e folheio-a. Após um instante ou dois oiço uma pequena tossidela e levanto o olhar. Uma mulher com 40 e tal anos está de pé à minha frente. Tem mais ou menos a minha altura e é magra, quase escanzelada, com cabelo loiro-platinado apanhado num coque apertado. Os olhos são azul-claros e o nariz é afilado.

— Menina Blythe? — Ela estende a mão. — Chamo-me Samantha Cooper. Muito prazer em conhecê-la.

Levanto-me e aperto-lhe a mão. Está seca e fria.

— O prazer é todo meu.

— Queira seguir-me.

Entramos por uma porta na parede castanho-acinzentada por trás da rececionista e percorremos um corredor comprido até um escritório na esquina. As paredes são todas de vidro, e os estores estão subidos para exibir uma vista espetacular da Baixa e uma fatia do rio azul-acinzentado por trás. Sento-me na cadeira do visitante ao mesmo tempo que a menina Cooper se instala por trás da secretária de mogno. Está imaculada e quase vazia, contendo apenas um telefone e uma grande base de mesa.

— O que posso fazer por si, menina Blythe? — O seu sotaque é indistinguível. É culto e possui vestígios de algo subjacente. Britânico? Francês? Sulista? Não dá para perceber.

— Hum, bem, acho que me pode arranjar um homem para casar — digo num tom de brincadeira.

— É claro. É isso que fazemos. Como é que soube de nós?

— É uma história engraçada, para ser franca...

Conto-lhe como encontrei o cartão da Blythe & Company na rua e peguei nele.

— Então o seu verdadeiro nome é Blythe?

— Sim. As pessoas dão mesmo nomes falsos?

— Ficaria surpreendida com o que as pessoas fazem, menina Blythe. Ela deve lidar com muitos esquisitoides neste negócio. Espero que os eliminem...

— Claro, eu entendo.

— Normalmente, são os antigos clientes que nos referem a clientes novos. A sua situação é deveras... invulgar. De facto, não me lembro da última vez que aceitámos alguém que não nos trouxe referência.

— Ah, pois, bem... se precisar de referência ou algo...

O que é que estou a dizer? Porque é que precisaria de referência para usar um serviço de encontros?

— Obrigada pela oferta. Dir-lhe-emos se for necessário.

— Eu tentei procurar-vos na Internet...

— E não encontrou nada? Pois, nós somos muito discretos. É uma das nossas políticas, e se vai usar os nossos serviços também pediremos discrição da sua parte.

— Claro. Afinal como é que isto funciona?

— Peço desculpa. Normalmente os nossos clientes estão familiarizados com os nossos métodos antes de nos conhecermos. Começamos com um historial romântico extensivo e testes psicológicos. Isto forma a base da nossa avaliação sobre se a menina é um cliente adequado para os nossos serviços. Se tiver permissão para continuar, usamos a nossa perícia para fazermos o arranjo ideal.

Avaliação sobre se eu sou adequada?

— Vocês rejeitam pessoas?

— Todos os dias, menina Blythe.

Que estranho.

— Não sabia que eram tão exclusivos.

— Concluímos que é a única forma de funcionarmos com sucesso.

— E têm muito sucesso?

— Temos 95 por cento de sucesso — diz ela com naturalidade, como se estivesse a dizer-me que o céu é azul.

— Uau.

— Exatamente. Assim decerto compreende porque é que somos tão minuciosos relativamente a quem aceitamos.

Sim. Ou talvez apenas aceitem pessoas que se contentam com qualquer coisa que lhes deem.

— Claro, mas testes psicológicos? Parece-me um pouco extremista.

— A avaliação psicológica é uma parte importante do processo, garanto-lhe. Certifica que ambas as pessoas estão dedicadas e prontas, e que conseguem lidar com as pressões que o uso dos nossos serviços acarreta. E também elimina os maluquinhos. — Ela sorri ao dizer esta última parte, uma piada que assumo que já usou antes.

Sorrio também.

— Parece tudo muito sério.

— Acha que arranjar um marido não é uma tarefa séria, menina Blythe?

Eu sei que há uma resposta certa para esta pergunta, mas sinto que tudo o que disse desde que cheguei foi errado. Tento mudar de assunto.

— Então qual é o próximo passo?

— Bem, assim que resolvermos a questão do preço, podemos marcar uma consulta para os testes.

— E qual é o preço?

— Peço desculpa mais uma vez. Estou enraizada aos meus hábitos. O preço é 10 mil dólares.

Inspiro bruscamente.

— 10 mil dólares? Não é exagerado para um serviço de encontros?

— Serviço de encontros? Não, menina Blythe, não somos um serviço de encontros. Somos um serviço de casamentos arranjados.

* * *

Trinta minutos depois, estou cá fora no passeio, a puxar a gola da camisa, a tentar respirar. O ar está cheio do som de carros a buzinar e engrenagens de camiões a ranger, e estou com dificuldade em lembrar-me do que acordei no escritório da menina Cooper. Só sei que tenho nas mãos um panfleto repleto de factos e números, e tenho uma consulta amanhã para a avaliação psicológica. Só de pensar nisso o meu cérebro entra em parafuso. Um casamento arranjado. Um *casamento arranjado*? É que nunca na vida. Nunca. Na. Vida.

Preciso de uma bebida forte e um cigarro, mas já não é permitido os jornalistas beberem e fumarem no trabalho. Tenho quase a certeza de que a produtividade diminuiu 50 por cento desde que essa política foi implementada, mas acho que não é isso que está em questão.

Passo o resto da tarde a tentar fazer pesquisa sobre produtos de limpeza amigos do ambiente. Mas, em vez disso, acabo por googlar «casamentos arranjados» e ler uma longa lista de resultados. Na América do Norte, os casamentos arranjados são limitados a *reality shows* de má qualidade que incluem solteiros sensuais com 20 anos mas, em muitos outros países, é uma prática que ainda existe hoje em dia. E não só em países onde as mulheres não podem votar. Muitas mulheres indianas instruídas, por exemplo, ainda participam em casamentos arranjados. Se a frequência de divórcios é indicador de alguma coisa, estes casamentos são um sucesso.

Ao passar a vista pelas páginas de entrada — separando os factos da ficção lunática —, pedacinhos do que a menina Cooper disse não param de me vir à cabeça.

Ela explicou que o custo do serviço era assim alto por causa das férias incluídas. Após muitas experiências (não fui capaz de perguntar o que isso significava) descobriram que a melhor política era o secretismo. Pelos vistos, é mais aceitável na nossa sociedade obcecada pelo

amor casar espontaneamente com um estranho durante as férias do que fazê-lo deliberadamente. Daí este disfarce das férias incluídas.

Também disse algo acerca de fazer terapia, que fazia parte do programa. Um ano de terapia de casais era o mínimo que recomendavam. Ajudava os recém-maridos e as recém-esposas a lidar com a «transição» e ensinava-lhes a «filosofia de amizade» do casamento. Era uma das razões por que tinham tanto sucesso.

E depois disse que eu não poderia ver uma imagem dele, quem quer que «ele» fosse, antes de o conhecer.

— Não posso?

— Não — disse ela com firmeza.

— Porque não?

— Porque as nossas expetativas românticas muitas vezes baseiam-se na nossa ideia do que torna um membro do sexo oposto atraente. Se vir uma imagem do homem que escolhemos para si e ele não tiver a aparência que achava que ele devia ter, nunca ficará aberta ao processo, e o mais provável será falhar. Acreditamos que um casamento baseado nos princípios da amizade, e da partilha de experiências e de objetivos, é o que funciona a longo prazo.

— Mas não ver como ele é antes de nos casarmos? E não saberei depois, de qualquer maneira? Se o meu problema é a aparência, o que é que vai mudar quando estivermos casados?

— Você vai mudar — disse ela com segurança.

— Eu vou mudar?

— Sim.

— Como é que sabe isso?

— O facto de estar aqui significa que já está a mudar. Esse processo continua através de sessões de terapia que tem antes e depois do casamento.

Não referi que não tinha ido lá à procura de marido; só queria um encontro. Mas ao pensar nisso nos limites mais calmos do meu cubículo, algo que ela disse faz sentido comigo. Talvez eu possa mudar. Sei que preciso.

Funcionaria? Poderiam eles ter mesmo uma percentagem de sucesso de 95 por cento? É o amor apenas uma fachada, uma distração? Esperar que o amor da minha vida apareça é o que me está a impedir de obter o que realmente quero?

Ponho esses pensamentos de lado. Um casamento arranjado não vai acontecer. Porque custa 10 mil dólares. Porque é uma ideia maluca. Porque não vou casar com um estranho. Porque o casamento tem que ver com amor.

Não é?

* * *

Encontrei-me com a Sarah depois do trabalho num restaurante indiano localizado na receção de um hotel. É equidistante do escritório dela e do meu, e comemos lá uma vez por mês. É um pouco *kitsch* — as paredes são vermelhas como terracota e amarelas como açafião e cobertas de fotografias ampliadas do Taj Mahal —, mas o *saag* de borrego é o melhor da cidade.

Ela já lá está quando eu chego, como sempre, sentada a uma mesa iluminada por um enorme aquário embutido na parede. Apanho-a a admirar o reflexo da luz azul da água no seu anel de noivado.

— Está bem, está bem, eu sou uma rapariga — diz ela, a rir-se de si própria.

— Nunca duvidei. Vá, deixa-me ver isso como deve ser. — Ela estende a mão com timidez. É um lindo diamante quadrado sobre uma aliança de platina. Mesmo à Sarah. — É lindo. Perfeito.

Ela olha para ele mais uma vez antes de colocar a mão no colo.

— É mesmo.

— Então conta-me a história.

— Já te contei a história.

Eu sei, mas não estava a ouvir porque estava a questionar porque é que ninguém queria casar comigo.

— Conta-me pessoalmente. Conta-me tudo.

— Bem... lembras-te do nosso primeiro encontro naquele restaurante português em Elm Street?

— Claro.

— Então, ele levou-me lá outra vez e recriou tudo. Lembrava-se de todos os pequenos pormenores: as entradas que pedimos, o vinho, e onde estávamos sentados... Enfim, mais ou menos a meio do jantar, ele começou a comportar-se de forma muito estranha, derrubando o copo de água e depois o de vinho, e tossindo de vez em quando, como se

tivesse algo atravessado na garganta. Eu comecei mesmo a pensar que ele ia acabar tudo comigo.

— Sarah, não pensaste nada que ele ia acabar tudo contigo!

— Pensei, sim, a sério que pensei. Estava lá sentada a tentar decidir como ia lidar com aquilo. Devia ficar calma ou devia fazer um escândalo ali mesmo no restaurante?

— E estavas inclinada para qual?

— Ficar calma.

— Óbvio.

Ela deita-me a língua de fora.

— Bem, mas então... — incito-a a continuar.

— Sim, mas então ali estou eu, a passar-me, quando de repente ele ajoelha-se, pega-me na mão e diz-me que não imagina a vida sem mim. E depois disse: «Casa comigo, por favor.»

A Sarah desata a chorar, e eu consigo sentir a minha própria garganta a apertar.

— Continua.

— Ele tirou o anel, e eu comecei mesmo a chorar. Só consegui dizer sim com a cabeça quando ele me pôs o anel. E depois toda a gente no restaurante começou a bater palmas.

As bochechas da Sarah estavam coradas. Ela é uma pessoa bastante discreta, e eu estou surpreendida que o Mike tenha feito o pedido num local público.

— Ups.

— Não, correu bem. Fiquei surpreendida. Pensava que odiaria um pedido em público, mas não. A sério que não odiei. — Ela parece ansiosa ao rodar o anel no dedo.

— Isso é ótimo, Sarah. Estou mesmo feliz por ti.

— Obrigada. Bem, chega de falar sobre mim. O que se passa contigo?

Recordo rapidamente a conversa com a menina Cooper, mas nem pensar em contar-lhe isso. Ela só iria fazer uma lista de razões pelas quais não deveria fazê-lo, e isso eu consigo fazer sozinha.

— Ah, nada de mais.

— Como é que anda o teu livro? Fizeste as tais mudanças?

— Sim, finalmente.

— Então e agora?

— Agora espero receber notícias das editoras a que a Nadia vai enviar o meu livro.

A Nadia é a minha agente literária. Concordou representar o meu livro, *De Volta a Casa*, há cerca de seis meses. O enredo é sobre um grupo de amigos no liceu e o que acontece quando regressam a casa na reunião dos dez anos. É claro que no fundo trata-se da história de amor da Lauren e do Ben — namorados de liceu que se afastaram e podem talvez voltar a reaproximar-se.

Ela parece complacente.

— Deve ser difícil. Esperar.

— Tento não pensar nisso.

— E que tal está a correr?

Sorrio.

— Mais ou menos como seria de prever. Constantemente a ver o e-mail e o voice-mail.

— Bem, eu sei que os vai convencer. É fantástico.

Às vezes acredito nela quando me diz isto — nos dias em que penso que o meu livro pode ser bom. Nos dias em que me apetece pô-lo na trituradora de papel, acho que só está a ser simpática.

Apanho a Sarah a olhar novamente para o anel.

— Feliz?

— Surpreendentemente feliz.

Estendo o braço sobre a mesa e aperto-lhe a mão.

— Adoro-te, Anne.

— Eu também te adoro.

E subitamente penso que talvez a amizade seja suficiente.

* * *

Quando chego a casa depois do jantar, o meu cabelo cheira a cominhos e o meu estômago está apertado de ter comido demais. Caio no sofá esquisito que deixaram ficar. Cobri-o com uma colcha da cor do musgo da Pottery Barn, e é quase confortável. Quando conseguir poupar dinheiro, é a primeira coisa a sair porta fora.

Vasculho a pilha de correio que se acumulou durante os últimos dias. É maioritariamente contas e correspondência sem interesse, mas há um envelope vermelho-vivo que contém um cartão de Natal da

minha amiga Janey. É uma amiga da faculdade com quem não tenho tido contacto recentemente. É algo em que reparei muitas vezes desde a separação: a diminuição dos meus amigos. Quando eu e o Stuart começámos a namorar, a minha vida não era muito diferente do que era na faculdade. Passávamos a semana a trabalhar e o fim de semana a brincar. E a sensação era de que seria assim para sempre. Mas, algures entre o *shot* triplo de *Jack Daniel's* que chamou a atenção do Stuart e o dia em que lhe li os e-mails, tudo mudou. A Janey, a Nan e a Susan casaram-se e começaram a ter filhos. E apesar daquele falatório todo aos 20 anos de que nunca viveriam num sítio onde não se conseguisse beber um copo depois das 11 horas da noite, já nenhuma delas vive na cidade. A Janey teve um bebé há pouco tempo, um menino chamado Tanner. O seu rosto redondo e perfeito sorri para mim do bonito cartão. Diz *Boas Festas da família Jenner!* Mas grita: *Olha só o que andámos a fazer enquanto tu perdes tempo com um traidor inútil!*

Tanner Jenner. Coitado do miúdo.

Atiro o cartão para a mesa de centro e embrulho-me no cobertor polar. Começo a ler a autobiografia do Andre Agassi, *Open*. Meia hora depois, estou completamente embrenhada na leitura, ao contrário do que acontecia ultimamente.

Sobressalto-me quando o telefone toca.

— Olarecas.

— Não sabes atender o telefone como uma pessoa normal?

— Olá, mãe. Estás a ver o *CSI* outra vez?

— Como é que sabias?

Porque consigo ouvi-lo aos berros, como sempre.

— Foi um palpite. Porque é que me estás a ligar durante o episódio?

— Já o vi.

— Então porque é que o estás a ver?

— Não tenho nada melhor para fazer.

— Que se passa?

— Não posso ligar à minha filha para conversar?

Sinto-me irritada por nenhuma razão aparente. Costumo reagir assim com a minha mãe.

— Claro que podes. É só que... normalmente não o fazes.

— Bem... falei com o teu irmão esta noite.

— O Gil tem novidades?

Sim, é verdade. A minha mãe não só me chamou a mim Anne Shirley Blythe, como também chamou ao meu irmão Gilbert — o mesmo nome do apaixonado da *Anne dos Cabelos Ruivos*. É um milagre eu não ter precisado de carradas de psicoterapia. Por enquanto.

— A Cathy está grávida!

Claro que está. O meu irmão casou-se com 28 anos, teve o primeiro filho um ano depois, e desde então teve mais dois. Agora tenho três sobrinhas, e esta quarta gravidez vem mesmo a calhar. A família toda dá-me vontade de vomitar, provavelmente de ciúmes, mas finjo o contrário.

— Que surpresa.

— Não tens de ser sarcástica. Podias bem ser mais parecida com o teu irmão, sabias?

— Eu sei que é isso que tu pensas.

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero dizer que nem toda a gente tem de casar e ter filhos, mãe. Apesar de ser exatamente o que quero, nunca sou capaz de lho admitir. Não sei bem porquê, mas foi sempre assim entre nós.

Ela suspira.

— Queres ficar sozinha para sempre?

— Claro que não.

— Então?

— O que é que queres que faça? Não escolhi ficar sozinha, nem nada disso.

— Não escolheste?

— O que é que tu queres dizer com isso?

— Não és casada, pois não? Nem sequer tens namorado.

— E a culpa é minha?

— Bem, nunca vi nada de mal nos teus namorados. És muito esquisita.

Eu sei racionalmente que a culpa é minha de que ela pense assim, porque nunca lhe contei os pormenores chocantes, mas ainda assim isto está a ir longe demais.

Tento manter a voz calma, mas é a última coisa que me apetece fazer.

— Isso é profundamente injusto. Só porque não te conto como as minhas relações acabam não significa que não tenha tido bons motivos. Porque é que partes do princípio de que é por minha causa?

— E o Stuart?

Agarro o fio do telefone com força.

— O que é que ele tem?

— Ele não parecia ser mau.

— O Stuart era um canalha mentiroso e traidor.

Ela aspira alto a própria respiração.

— Não tens de usar esse tipo de linguagem, Anne.

— Desculpa.

— Hum. Bem, como é que querias que soubesse? Nunca nos contas nada.

Pois, porque será?

— Não vos conto coisas porque não quero estar sempre a ser julgada.

— Isso é injusto. Sabes que sempre te apoiámos. — Ela parece magoada, como se estivesse à beira das lágrimas.

Oh, que caraças.

— Olha, não fiques chateada, está bem?

Ela funga.

— Não quero que fiques sozinha, Anne. Quero que sejas feliz.

— Eu sei, mãe. Eu também quero isso.

— Queres casar?

— Sim.

— E ter filhos?

— Claro. Talvez não tantos como o Gil, mas pelo menos dois.

— Se tiveres um rapaz e uma rapariga, podes chamá-los Diana e James.

Estes são os nomes de dois dos filhos da *Anne dos Cabelos Ruivos*. A minha mãe é obcecada.

— Posso dar-lhes os nomes que eu quiser, mãe.

— Claro que podes, querida. Estou só a fazer uma sugestão.

— Está bem.

— Vais ligar ao Gil a dar-lhe os parabéns?

— Sim.

— Estás feliz por eles, não estás?

— Sim.

— Muito bem. Bem, vou à minha vida.

— Bom episódio.

Desligo o telefone mais agressivamente do que devo. Pondero ligar ao Gil, mas decido adiar para amanhã. Quero reunir a quantidade certa de entusiasmo, e neste momento não me apetece tanto.

Em vez disso, leio mais uns capítulos e vou para a cama. Normalmente adormeço logo, mas esta noite a minha cabeça não sossega. Não consigo parar de pensar se a Blythe & Company terá as respostas que tenho procurado este tempo todo, por mais maluco que pareça. Serei maluco por pensar sequer nisto?

Mas se calhar foi isso que significou ter encontrado o cartão. Se calhar alguém, algo, está a tentar mostrar-me o caminho. A dar-me um sinal.

Só que... não acredito em sinais.

Talvez devesse ler o panfleto que a menina Cooper me deu. Ela disse que seria capaz de responder-me a algumas perguntas. Tiro-o da mala e volto para a cama quente. A secção da frente descreve a «filosofia de amizade» do casamento. A seguir vêm os testemunhos de casais da Blythe & Company a explicar como as sessões de terapia os ajudaram a compatibilizar-se e a pôr de lado os modos superficiais que costumavam usar para decidir com quem deviam estar. Fito os rostos felizes a sorrir nas fotografias tiradas numa estância balnear, e sigo o progresso deles durante cinco, depois dez, anos de casamento. Do ter bebés, ao comprar de casa, uma vida feliz a dois. Pergunto-me se poderia ser eu.

Quando fecho o panfleto e desligo a luz, sinto-me mais calma. Talvez consiga fazer isto. Talvez consiga finalmente encontrar a pessoa certa, alguém com quem consiga ser feliz. Seja como for, não faz mal passar pela avaliação psicológica. E talvez funcione.

Talvez.